

MODA, AMOR E CASAMENTO: UMA COLEÇÃO NUPCIAL FEMININA INSPIRADA NA ERA VITORIANA PARA MULHERES CONTEMPORÂNEAS

Fashion, Love and Marriage: A Victorian era inspired bridal collection for contemporary women

Viana, Isabella Brugnara; Universidade Franciscana, brugnaravianaisabella@gmail.com¹
Colpo, Caroline Manucelo; Ma.; Universidade Franciscana, caroline.colpo@ufn.edu.br²

Resumo: Este estudo é oriundo do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda da Universidade Franciscana, o qual teve como propósito desenvolver uma coleção de moda para noivas com referência na Era Vitoriana. Para tanto, revisita-se o traje nupcial feminino e sua evolução, a relação entre amor, moda e casamento no decorrer da história, além de buscar compreender o comportamento das mulheres contemporâneas público-alvo da coleção.
Palavras-chave: História; vestuário; noiva.

Abstract: This study originates from the Capstone Project of the Technology Degree in Fashion Design at Universidade Franciscana, which aimed to develop a bridal fashion collection inspired by the Victorian Era. To this end, it revisits the evolution of the bridal gown, the relationship between love, fashion, and marriage throughout history, and seeks to understand the behavior of contemporary women, the target audience of the collection.

Keywords: History; clothing; bride.

Introdução

Este estudo advindo do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda da Universidade Franciscana apresenta uma importante discussão acerca da relação entre moda, amor e casamento e seu desenvolvimento no decorrer da história, bem como a evolução do traje nupcial feminino a fim de propor novas percepções sobre essa temática. Além disso engloba reflexões acerca das mulheres na contemporaneidade, público-alvo da coleção.

Em seguida, os referenciais teóricos incluem análises em relação a moda, história, sociologia e filosofia que são cruciais para o desenvolvimento deste estudo. Lipovetsky (1989) argumenta que a moda como sistema surgiu com a legitimação do amor romântico na Europa e Calanca (2008) demonstra como os valores cortesões influenciaram a moda e os comportamentos de sedução. Essas abordagens ajudam a compreender a evolução dos papéis de gênero e a função social do casamento, que inicialmente não era baseada no amor romântico, mas em alianças políticas e econômicas (Monsarrat, 1975). A moda, portanto, reflete essas dinâmicas sociais.

Sendo assim, a pesquisa histórica sobre o casamento e seus trajes, bem como a compreensão das funções sociais do matrimônio, são fundamentais para adaptação de costumes à contemporaneidade, destacando a versatilidade

¹Graduada em Tecnologia de Design de Moda pela Universidade Franciscana (UFN); consultora de Imagem e Estilo pelo Instituto Anita Rezende; estudante de História no curso de Bacharelado do Centro Universitário Internacional (UNINTER); pesquisadora de História da Moda e do Vestuário.

²Professora do Curso de Tecnologia em Design de Moda da Universidade Franciscana (UFN). Coordenadora da MBA de Gestão e Projetos de Construção Civil UFN. Coordenadora do Laboratório Núcleo de Pesquisa e Atendimento ao Mercado com Projetos do Curso de Design de Moda da UFN. Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens com ênfase no ensino formal e não formal de moda pela UFN (2020). Designer de Moda pela UFN (2017).

exigida pela moda atual. Desse modo, o trabalho culmina na criação de uma coleção de moda nupcial direcionada às mulheres contemporâneas. Para isso, a metodologia adotada envolve revisão bibliográfica, análise de referências estéticas vitorianas e uma abordagem prática voltada para desenvolvimento de coleção de moda que detalha fases como pesquisa em moda, design e desenvolvimento de uma coleção de moda (Treptow, 2013).

Logo, apresentara-se a criação da coleção Victória, inspirada na Era Vitoriana, para adaptar simbolismos e tradições do casamento às necessidades da mulher contemporânea, de forma a unir passado e presente e evidenciando a diversas possibilidades para o traje nupcial feminino para além do vestido branco tradicional.

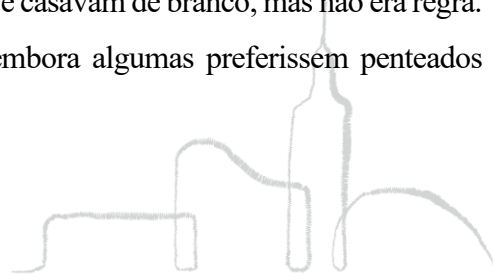
A relação entre moda, amor e casamento e o traje nupcial feminino

No mundo ocidental contemporâneo é natural associar o matrimônio ao amor, mas nem sempre foi assim. Por séculos, essa instituição possuía outros atributos. Tal união era a ligação entre duas famílias com fins socioeconômicos, garantia a linhagem e consequente distribuição de herança (Priore, 2007). Entre os séculos V e X, o casamento por captura e por compra era instituído entre os comuns da Grã-Bretanha (Monsarrat, 1975), e por alianças entre os nobres (Priore, 2007).

Assim, o amor não estava relacionado com o casamento e a moda enquanto sistema ainda não havia sido instituída. O casamento não era nem mesmo estimulado pela Igreja, o que só mudou entre os séculos IX e XIII (Vainfas, 1986). É nesse momento que moda e amor começam a se interseccionar. A moda como sistema desponta com a cultura cortês, disseminada entre os séculos XI e XII na França (Lipovetsky, 1989). Essa cultura valorizava a apreciação da arte, boas conversas e a exaltação da mulher amada (Calanca, 2008) e sua maior invenção é justamente o amor, assim gradualmente, a corte é tomada pela sedução extraconjugal, e o amor cortês legitima a escolha livre dos amantes, o que deu para as pessoas a percepção de gostos, com individualização do ser (Lipovetsky, 1989).

A cultura cortês instituiu um clima constante de flerte, revolucionando a relação entre os gêneros e diferenciando os vestuários: homens com gibão curto e pernas marcadas, mulheres com ancas sublinhadas e decotes à mostra, o que gerou uma busca por diferenciação e apreciação da aparência inerente a moda (Lipovetsky, 1989). Já no âmbito do casamento, mesmo que um pouco descreditado, ainda eram símbolos importantes e entre os séculos X e XV, a realeza fazia grandes festas matrimoniais que duravam dias.

Nesse contexto, como as moças nobres eram educadas para o ócio, o que demonstrava status, o dote substituiu o casamento por compra (Monsarrat, 1975). Quanto aos trajes da noiva, dependiam da posição social e financeira do pai, com respeito às leis suntuárias, podiam usar qualquer cor. Algumas noivas se casavam de branco, mas não era regra. O cabelo solto e as guirlandas sobre a cabeça eram símbolos das noivas, embora algumas preferissem penteados elaborados (Monsarrat, 1975).



Em seguida, com a chegada da Idade Moderna, ocorreu a centralização do Estado, afetando a vida doméstica com o estímulo à oficialização dos casamentos e a autoridade dos maridos sobre as esposas. Além disso, reformas religiosas influenciaram as sociedades europeias, como a Reforma Protestante e a já instituída Inquisição pela Igreja Católica (Priore, 2007). Os vestidos de noiva seguiam a moda vigente e algumas mulheres usavam o branco, mas era apenas uma das muitas cores possíveis. Diversos adornos faziam parte da vestimenta da noiva, e fazia parte das brincadeiras que os convidados os levassem como troféus, sendo as ligas as mais valorizadas (Monsarrat, 1975). O Renascimento ainda retomou a antiguidade grega, e renovou o vestuário com ideais de beleza musculosa para homens e curvas acentuadas para mulheres (Leventon, 2009).

Mais adiante, no final do século XVII, iniciou-se o hábito dos casamentos clandestinos, sem proclamas ou pompas, e o casamento por amor com vestido branco e prata começou a se popularizar no século XVIII (Monsarrat, 1975). Após uma ampla difusão da literatura pornográfica escapista, durante a Revolução Francesa, muitos passaram a escrever sobre o amor e sua tristeza (Priore, 2007). A perda de poder da Igreja, resultado da revolução burguesa, modificou a dinâmica do amor e do casamento. O amor dentro do casamento tornou-se lentamente uma expectativa, unificando sentimento e sexualidade entre cônjuges (Ariès, 1987).

Nesse sentido, o casamento Malthusiano passa a ser amplamente abraçado no século XIX. Alguns dos pontos dessa teoria incluem o instinto sexual, que deveria ser exercido dentro do casamento, o casamento tardio para contingenciamento populacional, e, é preciso reconhecer que razão e emoção eram postas na balança: o amor conjugal fora legitimado, mas os custos de manter uma família precisava ser levado em consideração (Macfarlane, 1990).

Nesse cenário, a Rainha Vitória da Inglaterra se casou por amor, estabelecendo o vestido branco como referência estética. Em grande parte, graças a ela, a partir do século XIX, o casamento com cerimônias incluindo bolo, flores, damas de honra e vestido branco se tornaram tão populares (Monsarrat, 1975). Logo, pode-se dizer que a Era Vitoriana consolidou assim o modelo de casamento, com amigos na igreja e proclames populares. O modelo perdurou até o século XX, quando as mulheres começaram a se inserir no mercado de trabalho, mudando a hierarquia no casamento (Simões & Hashimoto, 2012).

Finalmente, já no século XXI, os casamentos incorporam diversas tradições e variações, mantendo o vestido branco como símbolo duradouro e feito especialmente para a ocasião, sem reuso. As características do casamento moderno persistem, adaptando-se às novas dinâmicas sociais e culturais, e então o casamento acontece por amor e a moda o acompanha em seus ciclos de gostos e costumes moldando inclusive um ramo especializado no setor.

A Era Vitoriana como referência para uma coleção de noivas destinada às mulheres contemporâneas

No âmbito da vestimenta, durante a Era Vitoriana, a moda dominante feminina era ornamentada e repleta de adornos, crinolinas, espartilhos, entre outros artefatos, que tornavam difícil a mobilidade das mulheres. Além

de que, demonstrava a ociosidade da mulher com a função de também arranjar bons casamentos e demonstrar status social de suas famílias (Crane, 2006), pois a moda é um sistema reflexo do contexto sociocultural em que está inserido.

Por outro lado, essas mulheres conviviam amigavelmente com as que preferiam o vestuário alternativo, termo cunhado pela socióloga norte-americana Diana Crane, pois reformadoras do vestuário e feministas passaram a incorporar peças tradicionalmente masculinas como camisas, gravatas, chapéus, entre outros aos seus hábitos (Crane, 2006). Então, como referência estética para desenvolver a coleção deste estudo, optou-se por combinar elementos tanto da moda dominante quanto do estilo alternativo feminino, conforme demonstra a Figura 1 com o painel de tema de coleção.

Figura 1: Painel de Tema de Coleção.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A figura 1 apresenta diversas nuances do vestuário da Era Vitoriana, entre elas: a transformação da silhueta, que passou de saia sobre saia, pela crinolina, até o volume ser completamente transferido para a parte de trás da mulher, que acaba com a silhueta em S no início dos anos 1900; os elementos muito repetidos na moda vigente, como é o caso de babados, rendas, topes, fitas, drapeados.

Ademais, em consonância ao tema de coleção, para que uma coleção de moda seja desenvolvida, faz-se necessário delimitar o público-alvo. Nessa perspectiva, a mulher contemporânea público-alvo, vive em um mundo líquido e individualista (Bauman, 2001). Ao pensar em revistas de moda, por exemplo, a mulher passa a ser vista de forma heterogênea ao experimentar diferentes artifícios que variam de vestes até acessórios e cosméticos, para assim transmitir diferentes imagens de si (Crane, 2006). Ainda nesse sentido, a liquidez do mundo contemporâneo

parece fazer nascer diversas mulheres dentro de uma, já que o mundo pós-moderno demanda que as mulheres recentemente emancipadas assumam diferentes papéis sociais, conforme apresenta a figura 2.

Figura 2: Painel de Comportamento.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O painel acima representa a dinamicidade da mulher contemporânea, público-alvo da coleção, e o quanto ela está inserida em diversos contextos socioculturais. As peças dessa coleção de moda são pensadas para mulheres de classe C, possivelmente da região sul do Brasil, onde há grande amplitude térmica, sendo lançadas no inverno. São pessoas que assumem inúmeras funções, diversas delas trazidas no painel, o que exige um guarda-roupas versátil. No geral, mulheres que fogem do casamento tradicional, como representada pelas imagens dos noivos em suas cerimônias intimistas, de forma que abandonam algumas das tradições e optam por outras, entretanto, essas mulheres não estão dispostas a gastar em um vestido que será utilizado uma única vez.

Quanto a faixa etária, trata-se de jovens adultas, os millenials pós capitalistas (geração Y), que têm suas práticas e busca de oportunidades ‘baseadas na gratuidade da troca, na inteligência geral e na relação em rede’ (Morace, 2018, P.85). Valorizam a vida humana, autorrealização e são super atarefadas, conectadas digitalmente.

Delimitado o público-alvo, e após outros processos e etapas adaptadas da metodologia de Treptow (2013) foram desenvolvidos 30 croquis, dos quais 12 foram selecionados para compor a coleção Victória, o nome foi naturalmente escolhido pela referência estética, com a letra C adicionada tanto pela sonoridade quanto em referência a contemporaneidade que se desejou transmitir. A figura a seguir apresenta o mapa da coleção Victória.

Figura 3: Mapa de Coleção.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A proposta desta coleção de moda é oferecer peças versáteis que podem ser utilizadas após a cerimônia. De certa forma disruptivas para o casamento, por desafiar a norma imposta, mas ao mesmo tempo com requinte e romantismo. Aparecem muito presentes os elementos considerados femininos já mencionados nesse artigo, como babados, laços e rendas já que na Era Vitoriana conviviam em harmonia com o vestuário alternativo, demonstrado na figura de blazer, calça e macacão.

Mais adiante, para a confecção foram selecionadas dois *looks*, um branco e outro colorido, na cor rosa (figura 4). Diante disso, foram realizados desenhos técnicos e fichas técnicas para fornecer as informações cruciais à modelista e costureira, pois a produção foi terceirizada.

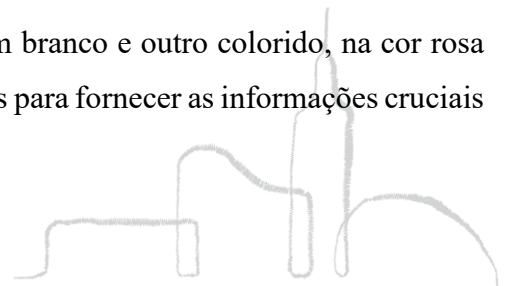
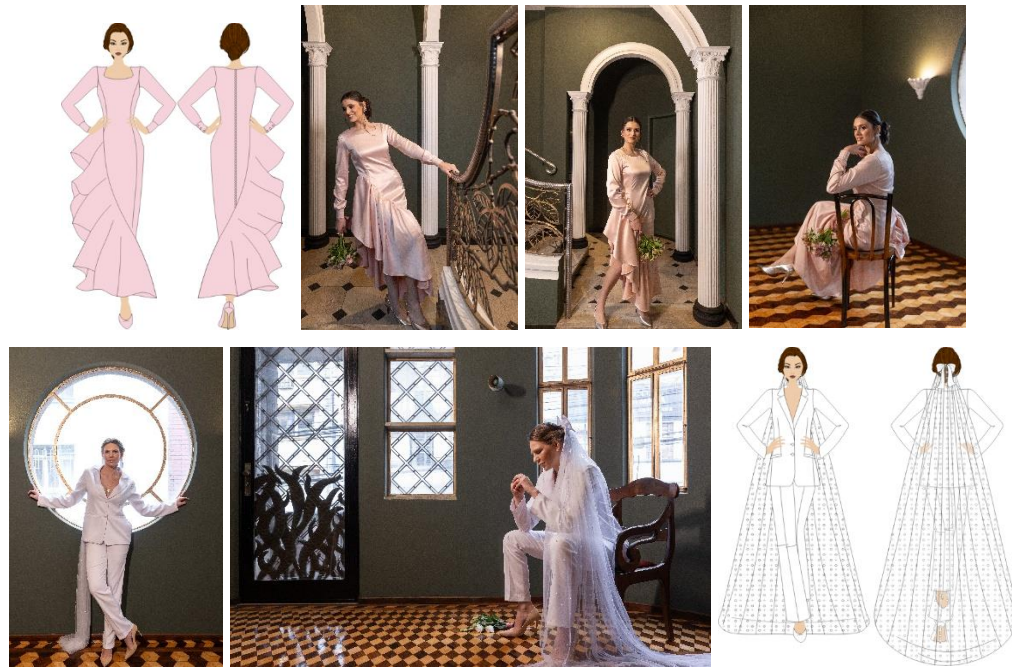


Figura 4: *Looks* selecionados para produção e fotos do editorial.



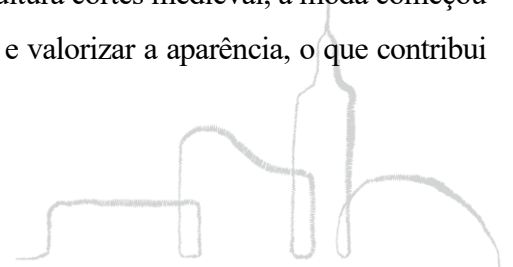
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A figura 4 demonstra as peças produzidas pela costureira Antoninha Pedroso da Rosa e as fotos do editorial de moda, de autoria do fotógrafo Juliano Mendes, realizado em uma casa patrimônio cultural da cidade de Santa Maria, com estética vitoriana, cedida pelo escritor Armando Ribas, por intermédio do arquiteto Alex Scherer.

Além dessas, outras parcerias firmadas incluíram a modelo Vanessa Marconato, sendo a primeira modelo a autora deste projeto; Rafah Aamir, cabelereiro e maquiador; loja Maha, fornecedora das semijoias. Em suma, entende-se que o dado trabalho alcançou seus objetivos e pode desvendar a relação entre amor, moda e casamento, que culminou no desenvolvimento da coleção Victória.

Considerações Finais

Este artigo demonstrou de forma sintetizada o Trabalho de Conclusão de Curso que leva o mesmo título deste estudo. Diante disso, pode-se explorar a evolução do traje nupcial feminino e sua relação com as mudanças socioculturais ao longo da história e apontar que inicialmente o matrimônio estava associado a alianças socioeconômicas e não ao amor romântico. Referenciou-se ainda que com a cultura cortês medieval, a moda começou a associar-se ao amor, de forma a diferenciar os trajes de homens e mulheres e valorizar a aparência, o que contribuiu com o nascimento da moda.



Além disso, foi exposto que a Era Vitoriana consolidou o vestido de noiva branco, graças a monarca que dá nome ao período, a Rainha Vitória. Com referência na moda desse período, levou-se em consideração que no século XXI, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e novas dinâmicas sociais demandam uma moda nupcial mais versátil e funcional, de forma que se criou a coleção Victória, oferecendo peças que transcendem a cerimônia, unindo tradição e contemporaneidade.

Desta forma, evidenciou-se que a moda nupcial, ao refletir mudanças sociais e culturais, continua a evoluir e se adaptar, mantendo sua relevância e expressividade. A coleção Victória exemplifica essa capacidade de reinvenção, ao proporcionar novas perspectivas sobre o traje nupcial feminino.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **O Casamento Indissolúvel**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CALANCA, Daniela. **História social da Moda**. São Paulo, SP: Senac, 2008.
- CRANE, Diana. **A Moda e Seu Papel Social: Classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo, SP: Senac, 2006.
- LEVENTON, Melissa. **História Ilustrada do Vestuário**. São Paulo: Publifolha, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.
- MACFARLANE, Alan. **História do Casamento e do Amor: Inglaterra 1300-1840**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MONSARRAT, Ann. **And the Bride Wore: The Story of the White Wedding**. Londres: Coronet Books Hodder and Stoughton, 1975.
- MORACE, Francesco. **Consumo Autoral: os novos núcleos geracionais**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.
- PRIORE, Mary del. **Pequena História de Amor Conjugal no Ocidente Moderno**. Estudos de Religião, Ano XXI, n.33, 121-135 p. jul/dez, 2007.
- SIMÕES, Fatima; HASHIMOTO, Francisco. **Mulher. Mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX**. Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas, Minas Geras, n. 2 p.1-25, 10\2012.
- TREPTOW, Doris. **Inventando Moda: Planejamento de coleção**. 5 ed. São Paulo, SP: Edição da Autora, 2013.
- VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão**. São Paulo: Ática, 1989.